



ADRIANE CRISTINA MONTEIRO ANGER

**(Re) conhecer-se a si mesmo: uma resposta de Rosa
ao *espelho* machadiano**

Porto Alegre

2012

ADRIANE CRISTINA MONTEIRO ANGER

**(Re) conhecer-se a si mesmo: uma resposta de Rosa
ao *espelho* machadiano**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Letras como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciatura Plena em Letras pela
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul – UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Marcos
Vieira Sanseverino.

Porto Alegre

2012

ADRIANE CRISTINA MONTEIRO ANGER

**(Re) conhecer-se a si mesmo: uma resposta de Rosa
ao *espelho* machadiano**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Letras como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciatura Plena em Letras pela
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul – UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Marcos
Vieira Sanseverino.

Aprovada em: ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Homero de Araújo - UFRGS

Prof. Mestre Atílio Bergamini - UFRGS

Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino – UFRGS

Ao Professor Atílio Bergamini, pelo incentivo para que eu levasse à concretude um antigo desejo de escrita e ao Professor Sanseverino, pela orientação para que esse trabalho chegasse a sua realização plena.

Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei adulto, deixei o que era próprio de criança. Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido.

São Paulo. I Coríntios, XII, 11-12

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo fazer uma leitura comparativa dos contos homônimos “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana” de Machado de Assis e “O espelho” de Guimarães Rosa, a fim de elucidar como o conto rosiano se apropriou das ideias contidas no conto machadiano, transformando-se em uma resposta profunda e reveladora acerca da essência do *homem humano*. Nesse sentido, no *espelho* de Machado há uma representação simbólica entre sujeito e imagem especular, em que a questão central está na importância atribuída à *alma exterior*, ou seja, a aparência, o *status* social é predominante. Já em Rosa, por sua vez, há o resgate da *alma interior*, da subjetividade da *pessoa humana*, escondida nas máscaras da aparência, narrado sob a forma de uma aventura moderna. Todavia, o encontro com o verdadeiro *eu*, com a *vera forma*, se dá a partir do reconhecer-se como imagem e semelhança de Deus, representado pelas imagens simbólicas da Santíssima Trindade. Dessa forma, julgou-se pertinente analisar as obras separadamente para, em seguida, analisá-las comparativamente, ressaltando as contribuições de Guimarães Rosa para a temática já abordada no conto de Machado de Assis a respeito do ser em relação ao parecer.

Palavras-chave: Machado, Rosa, espelho, alma exterior, alma interior, aparência, essência.

RÉSUMEN

Este trabajo tiene por objetivo hacer una lectura comparativa de los cuentos homónimos “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana” de Machado de Assis y “O espelho” de Guimarães Rosa, a fin de mostrar como el cuento rosiano se utilizó de las ideas que están en el cuento machadiano, transformándose en una respuesta profunda y reveladora acerca de la esencia del *hombre humano*. En ese sentido, en el *espejo* de Machado hay una representación simbólica entre sujeto e imagen especular, en que la cuestión central está en la importancia atribuida a el *alma exterior*, o sea, la apariencia, el *status* social es predominante. Ya en Rosa, a su vez, hay el rescate del *alma interior*, de la subjetividad de la *persona humana*, escondida en las máscaras de la apariencia, narrado bajo la forma de una aventura moderna. Toda vía, el encuentro con el *yo* verdadero, con la *vera forma*, se da a partir del reconocimiento de si con la imagen y semejanza de Dios, representado por las imágenes simbólicas de la Santísima Trinidad. De esa forma, se ha juzgado pertinente analizar las obras en separado para, en seguida, analizarlas comparativamente, resaltando las contribuciones de Guimarães Rosa a la temática ya abordada en el cuento de Machado de Assis a respeto del ser en relación al parecer.

Palabras llave: Machado, Rosa, espejo, alma exterior, alma interior, apariencia, esencia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A MÁSCARA DO PRESTÍGIO SOCIAL EM O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS	10
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2.2 ANÁLISE DA OBRA	12
3 O ENCONTRO DA ALMA INTERIOR NOS REFLEXOS DO ESPELHO DE GUIMARÃES ROSA	22
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	22
3.2 ANÁLISE DA OBRA	25
4 (RE)CONHECER-SE A SI MESMO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1 INTRODUÇÃO

Encontramos menções à temática do “espelho” no imaginário de diversas culturas. Acredita-se, segundo Heloísa Vilhena de Araújo, autora do livro *O espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*, que o reflexo do espelho era a alma da pessoa refletida.

Tal afirmação nos remete ao espelho de Machado, que tem como subtítulo do conto: “esboço de uma nova teoria da alma humana”. Neste, o narrador se reconhece somente com uma farda de alferes e, sem ela, não tem alma que no espelho reflita, sua imagem era mera aparência externa. Isso nos faz pensar que, o que esse narrador mostra e denuncia, de certa forma, é que para muitos, se não para todos, em uma sociedade que se vive de aparências como a nossa, “só há consistência no desempenho do papel social; aquém da cena pública, a alma é dúbia” (BOSI, 1982, p.448), ou seja, os tipos sociais teriam um comportamento previsível, diferente do que ocorre no individual de cada pessoa.

Instância semelhante é encontrada em São Paulo, XIII, 11-12, onde nos diz que, durante a vida terrena, a visão de Deus só é possível aos homens, obliquamente, como num espelho. Kathrin Rosenfield, estudiosa de Guimarães Rosa, no seu livro *Desenveredando Rosa*, nos afirma que o mencionado autor concebeu suas *Primeiras Estórias* numa estética que dá algumas pistas sobre os princípios que ele seleciona e filtra de seus modelos – Goethe, Dostoiévski e diálogo com textos sagrados. Assim, podemos fazer uma análise das inquietações contidas no narrador de “O espelho” de Rosa partindo das inquietudes da tradição cristã, como nos mostra São Paulo em sua Carta ao povo de Corinto.

Numa comparação entre “Os espelhos” referidos, percebemos que “diferentemente da narrativa de Machado, que mostra a alienação do eu nas máscaras ocas do prestígio social, o conto rosiano focaliza o pendor íntimo, a experiência interior da busca de identidade” (ROSENFELD, 2006, p.130). Busca de identidade, de um verdadeiro eu, escondido nas “fardas” da vida cotidiana. Fardas que possibilitam a perda de si mesmo, num exílio interno da solidão moderna e nas inevitáveis perdas de sensibilidade no processo de amadurecimento humano.

No conto machadiano, por sua vez, há uma profunda crítica, por assim dizer, à perda da *vera face* em meio às facetas múltiplas que são interiorizadas no viver social. Antonio Candido viu nele “uma espécie de alegoria moderna das divisões da personalidade e da relatividade do ser” (LAGES, 2001, p.154), um tema marcadamente psicológico. Veremos como a análise deste crítico literário vai ao encontro da busca de uma identidade, que é fundamentalmente dúbia, mas que possui uma essência, que é individual e única e que está escondida no íntimo de cada ser humano.

Sendo assim, o intuito desse trabalho é fazer uma análise sobre o (re) conhecimento da essência do *ser humano*, a partir dos contos homônimos já referidos. Para tanto, será feita uma leitura atenta e pormenorizada das obras, seguindo a ordem cronológica de publicação, primeiro o de Machado, publicado no livro *Papeis Avulsos* (1882) e, em seguida, com maior ênfase, o de Rosa, publicado em *Primeiras Estórias* (1962), este também visto como uma resposta ao conto de Machado.

2 A MÁSCARA DO PRESTÍGIO SOCIAL EM O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sintetizar e definir a obra machadiana são tarefas de complexidade elevada, visto que seus escritos contribuíram para diferentes ramos do conhecimento humano. No campo das letras, Machado de Assis atuou como redator, tradutor, revisor, crítico, escritor de versos, poemas, crônicas, contos, romances, etc. Sua obra é vasta e seu talento como escritor ainda nos é perturbador. Sabe-se, todavia, que Machado possui dois momentos em sua obra e que o seu divisor de águas é o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, no qual o defunto-autor narra sua trajetória de vida a partir do momento de seu funeral.

Segundo Alfredo Bosi, no artigo *A máscara e a fenda*, para Machado,

A partir de *Memórias Póstumas* e dos contos enfiados nos *Papeis avulsos*, importa-lhe cunhar a fórmula sinuosa que esconda (mas não de todo) a contradição entre parecer e ser, entre a máscara e o desejo, entre o rito claro e público e a corrente escusa vida interior. (BOSI, 1982, p. 440).

Dando-nos indícios de como *Papeis avulsos* (1882) foi constituído, nos fazendo adentrar no universo do pensamento machadiano sobre o *ser* em relação ao *parecer* dentro deste grande teatro chamado sociedade, na qual representamos papéis sociais, parecendo ser o que por vezes não somos.

Esse livro de contos, a julgar pelo seu título, causa-nos a impressão de que foi compilado com textos aleatórios, aparentemente sem nenhum fio condutor que os unisse. No entanto, como o próprio Machado nos adverte, eles não foram, de todo, compilados em um único livro simplesmente para não os perder.

Avulsos são eles, mas não vieram parar aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa. (ASSIS, 1882, p. 1)

O pai imperioso reuniu nesta “mesa”, além de “O espelho”, objeto de análise deste trabalho, os contos “O Alienista”, “A Sereníssima República”, “O Segredo do Bonzo”, “Teoria do Medalhão”, “Chinela Turca”, “Na Arca, D. Benedita – um retrato”, “O Empréstimo”, “O Anel de Polícrates”, “Uma Visita de Alcibíades” e “Verba Testamentária”, os quais permitem um novo olhar sobre a sociedade e as relações humanas. Além disso, se observarmos atentamente, o número de contos desta obra nos remete aos Doze Apóstolos reunidos à mesa com o Pai, encarnado na figura de Jesus Cristo. Essa cena é conhecida como *A Última Ceia*, momento em que Cristo revela abertamente que será entregue à morte e que eles, os apóstolos, terão de seguir e confiar, pois no terceiro dia ressuscitaria e que eles não precisariam temer, pois estaria com sua Igreja, personificada na figura dos Doze, encabeçada por Pedro, até os confins da Terra (Evangelho de São João cap. XIII ao XVII).

Assim como Cristo dá instruções à Igreja nascente, Machado escolhe os contos de *Papeis Avulsos* a dedo, nos fazendo perceber que os textos contidos nesse livro estão de certa forma juntos por que possuem o objetivo também de instruir, como podemos perceber no trecho seguinte de sua *Advertência*:

(...) se há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que o não são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendo-me com São João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): “E aqui há sentido, que tem sabedoria.” (ASSIS, 1882, p.1)

Mais adiante, no mesmo artigo, Bosi afirma que a móvel combinação entre desejo, interesse e valor social dá matéria a essas estranhas teorias sobre comportamento chamadas “O Alienista”, “O Segredo do Bonzo”, “O Espelho”... Restando-nos conhecê-las, para quem ainda não conhece tais elucubrações acerca do *ser humano*, e refletir se são ou não de grande valia para entendermos hoje o

que Machado já, em sua época, procurava entender: o comportamento do homem em relação com o seu meio e com o outro. Nessa nova fase, Machado de Assis quer fazer-nos refletir sobre o entorno que vivia, e o faz de maneira perspicaz e inteligente, mas seus escritos perpassam o tempo e chegam até nós, hoje, e ainda nos fazem indagar a respeito da existência de uma alma, de uma essência humana ou, de uma maneira mais pessimista, concluir que estamos fadados a viver de aparências.

Neste trabalho nos deteremos no “esboço de uma nova teoria da alma humana” e a partir dele buscaremos remontar uma certeza machadiana, a qual o personagem Pomada, em “O Segredo do Bonzo”, já se dignou a revelar: A essência é a aparência.

2.2 ANÁLISE DA OBRA

Dentre todos os contos contidos em *Papeis avulsos*, “O Espelho” parece ter um papel de destaque quando o assunto é fazer refletir sobre a existência de um *eu*, em meio a inúmeros outros indivíduos, inserido em uma sociedade, e os conflitos que daí decorre. Tal afirmação deve-se ao fato de o conto ser constituído sob a temática dicotômica entre aquilo que os outros veem em relação a determinado indivíduo e aquilo que realmente ele é. A isso, soma-se o papel do espelho, na medida em que este serve, ao mesmo tempo, para suprir o olhar do outro e a de revelar a interioridade do ser. Analisemos, então, como isso se desenrola ao longo da narrativa.

Numa casa do Morro Santa Teresa, no Rio de Janeiro, um grupo de amigos discute “questões de alta transcendência” (ASSIS, 1997, p.25) ¹. Dentre eles um se destaca – o Jacobina, inicialmente pelo seu silêncio e posteriormente pela sua grande eloquência na participação da conversa, que “em seus meandros veio a cair

¹ Interessa esclarecer que todas as próximas citações do conto *O Espelho* serão retiradas da mesma edição, de forma que será então mencionado apenas o número de página.

na natureza da alma” (p.26). Cabe destacar, antes de prosseguir, como o narrador descreve essa personagem: Jacobina tinha a mesma idade que os companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, astuto e cáustico, ao que parece, e não discutia nunca. Quando sua opinião sobre a natureza da alma foi solicitada, disse que não exporia sua opinião, nem conjectura e acrescentou que, se quisessem o ouvir calados, ele lhes contaria um caso de sua vida “em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata” (p.26) – a natureza da alma.

Entende-se, a partir disso, a formação de uma moldura narrativa na obra, ou seja, a inserção de uma nova história dentro da descrição linear e reflexiva da conversa já referida. Vejamos como ela inicia:

(...) em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas... - Duas? - Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. (p.26)

Fazem-se necessárias, todavia, antes de analisarmos a teoria de Jacobina, algumas considerações substanciais. Num primeiro momento, com um olhar menos atento, poderia se pensar que Machado irá tratar de um assunto marcadamente religioso, que tomou grande força com o Cristianismo: o ser humano é constituído de alma e de corpo. No entanto, este assunto acerca da alma já fora objeto de análise de filósofos muito antes de Cristo. Em *Fédon* (PLATÃO, 2004), Platão constroi um diálogo em que Sócrates, grande filósofo ateniense, à beira da morte, discute com seus companheiros, também filósofos, sobre a natureza imortal da alma. Sócrates postula que a alma existe antes do nascimento, portanto é eterna, e permanece após a morte, por ser imortal.

Alguns estudiosos da filosofia socrática, todavia, percebem que nela há vários elementos que soam a cristianismo:

(...) muitas têm sido as vozes, desde a antiguidade até a modernidade que se têm levantado para proclamar o caráter pré-cristão da filosofia socrática (...). [Sócrates] sedento da verdade, sempre em demanda do tipo humano ideal, que Jesus Cristo viria a encarnar (...). Possuía um sentimento religioso e sagrado, que implicava já o respeito pelo sobrenatural desconhecido. Longe de se afastar do divino, aproximava-se dele... A sua mentalidade era cristã. (NAVARRO, 2001, p.31)

No Catecismo da Igreja Católica, encontramos a definição de *pessoa humana*, que é *Corpore et anima unus* (Uno de alma e corpo):

A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. O relato bíblico exprime esta realidade com uma linguagem simbólica, ao afirmar que *O Senhor Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente* (Gn 2,7). (CIC, 2000, p. 104, parágrafo 362)

A alma é que *anima*, dá vida ao homem. Ela é eterna, o corpo é mortal. Alma e corpo formam o *eu* na sua totalidade. No entanto, Machado não tratará especificamente da *alma*, que ele denomina *alma interior*, que atualmente é chamada de *subjetividade*. Ele se deterá na dimensão externa da *pessoa*, o que é visível aos demais: o corpo. Analisemos, então, a partir disso, a teoria jacobiniana.

“As duas almas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja” (p.26), diz-nos Jacobina. A escolha por algo no formato de uma esfera – a laranja – para explicar a constituição do *homem* em sua totalidade, nos dá indícios de que, para ser completo, inteiro, uno, são necessárias as duas metades e não uma ou outra. Perceberemos, no entanto, ao longo da narrativa, que há a desintegração dessa unidade, gerando consequências.

Na sequência da teoria, nos é relatado que a alma *interna*, isto é, o homem que vê o mundo e a si mesmo – de dentro para fora – precisaria de uma *externa*, como complemento, que vê de fora para dentro. Esta pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação, um botão de camisa, a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma catavina, um tambor, etc. (p.26). E sua função é “transmitir a vida, como a primeira” (p.26), ou

seja, as duas transmitem a vida e ambas são necessárias para a integralidade da *pessoa humana*. No entanto, a alma *externa* não é sempre a mesma e “consiste fundamentalmente no conjunto de valores socialmente determinados que o sujeito interioriza no seu desenvolvimento” (ROSENFELD, 2006, p.126), como podemos perceber nos exemplos que o próprio Jacobina nos apresenta:

Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora (...) que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile de Cassino, a Rua do Ouvidor, Petrópolis... (p.27)

Até aqui, temos alguns elementos para pensarmos acerca dessa *alma exterior*, que, muitas vezes, se sobrepõe ao *eu* na sua essência, na sua totalidade, antes de seguirmos para o relato da experiência de Jacobina. Parece-nos que o *eu* dessa “gentilíssima senhora”, exemplificada pelo nosso narrador, se perdeu nas exterioridades de sua alma. O que ela é, no seu íntimo, não nos é possível conhecer, porque ela “muda” conforme a sua necessidade. Machado consegue fazer seus leitores se indagarem e refletirem sobre a importância da conscientização sobre aspectos que influenciam na formação como seres humanos, por assim dizer. As “exterioridades da alma”, esses aspectos, portanto, podem fazer com que haja a perda de si mesmo, ou seja, a perda da noção da totalidade de uma *pessoa*, que é constituída por corpo e alma. Sobre tais conjecturas, Ana Maria Lisboa de Mello expõe, em sua obra *Identidade e Alteridade: O Espelho* (2002), significantes esclarecimentos:

Ao relatar a sua história aos demais cavalheiros, a personagem Jacobina deixa entrever uma grande lacuna que é a experiência e reflexão desenvolvida entre o momento do acontecimento relatado e o do relato, quando o homem maduro expressa, de maneira cáustica, uma visão crítica de seu passado. Machado de Assis vale-se da personagem para expor, de uma forma alegórica, uma teoria sobre a forma como o mundo externo atua sobre o interno, impondo-se sobre a forma mais autêntica do ser humano e, assim, eliminando sua verdadeira humanidade. (MELLO, 2002, p.165)

Cabe salientar ainda, que quando indagado sobre quem seria esta senhora, Jacobina responde tranquilamente: “Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião...” (p.27). Fazendo-nos pensar que essa volubilidade da alma exterior é entendida como sendo algo maligno, como se a cada troca de alma exterior, uma das facetas dos muitos demônios que compõem Legião se manifestasse. Aqui, “o social adquire como quase sempre em Machado uma feição fortemente negativa, como lugar do teatro das aparências, do jogo das seduções do poder e do dinheiro, dos malefícios do capital” (LAGES, 2001, p.158). Sobre este aspecto, Alfredo Bosi nos faz refletir sobre o domínio das convenções sociais, as quais abafam nossa subjetividade, nossa alma interior:

(...) a vida em sociedade, segunda natureza do corpo, na medida em que exige máscaras, vira também irreversivelmente máscara universal. A sua lei, não podendo ser a da verdade subjetiva recalcada, será a da máscara comum exposta e generalizada. Dá-se a coroa à forma convencionada, cobrem-se de louros as cabeças bem penteadas pela moda. Todas as vibrações interiores calam-se, degradam-se a veleidade ou rearmonizam-se para entrar em acorde com a convenção soberana. Fora dessa adequação só há tolice, imprudência ou loucura. (BOSI, 1982, p.441)

Na sequência, nosso narrador inicia contando o episódio que lhe ocorreu nos seus vinte e cinco anos. Era pobre e recém-nomeado alferes da guarda nacional, acontecimento que mudou sua vida. Alguns não gostaram da nomeação, principalmente àqueles que não haviam ganhado tal titulação. Outros, que eram seus amigos de outrora, passaram a “olhar-lhe de revés por algum tempo” (p.27). Algumas pessoas, porém, ficaram muito satisfeitas e “a prova é que todo o fardamento foi dado por amigos...” (p.27). A nomeação, assim como a toda a família, encantou a sua tia D. Marcolina, que pediu-lhe “que fosse ter com ela e levasse a farda” (p.27), no seu sítio, e que lá passasse algum tempo. Só o chamavam de *Senhor Alferes* (p.28), era a atração familiar e do círculo de amigos. No entanto, Jacobina tenta resistir à transformação que estaria por acontecer, pedindo à tia que

lhe chamasse de Joãozinho como antes, mas ela bradava que não, era o *Senhor Alferes*².

Como se não bastasse tantos elogios, o Alferes tinha o melhor lugar na mesa e era o primeiro a ser servido. O entusiasmo era tamanho que D. Marcolina lhe presenteou com a melhor peça da casa: um espelho, “obra rica e magnífica” (p.28).

(...) O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação (...). O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. (p.28)

Neste ponto, podemos perceber o caráter duplo do homem, “perdido no labirinto dos prestígios ilusórios, de honras vazias e funções decorativas” (ROSENFELD, 2006, p.126), ironizado por Machado. Tal dubiedade, já é sabido, faz parte da natureza humana em si, que é contraditória. Entretanto, esse trecho também ressalta que Jacobina, enquanto pessoa em sua integralidade³, perdeu-se de si mesmo – “O alferes eliminou o homem” – por que uma das duas naturezas/almas se sobrepôs à outra, não havendo o equilíbrio entre o que ele é e o que representa socialmente, reinando tudo o que fala do posto e nada do que fala do homem.

Analisando, ainda, mais profundamente, evidencia-se o sentimento do narrador. Um sentimento de vazio em relação a si mesmo e que vai se agravando no desenrolar da narrativa.

² A partir de agora, para referir-se ao narrador, se utilizará o nome Jacobina e, para se referir à personagem, se utilizará Alferes.

³ Compreendendo aqui a unidade entre as duas naturezas/almas, a interna e a externa o que torna o homem inteiro, uno.

(...) ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. (p.29)

A alma exterior eliminou o homem. A unidade entre as duas almas é a essência do homem, o que o torna humano, pois não se pode ser totalmente humano sem as duas naturezas, as duas metades da laranja: a *alma* (a interior, a subjetividade) e o *corpo* (a exterior, o papel vivido dentro da sociedade). Eliminada a consciência do que é *humano* nada advindo do homem terá algum significado ou alguma complacência.

Nesse instante, contudo, há uma intervenção nesta reviravolta interior do Alferes: tia Marcolina, devido à doença de uma de suas filhas, tem de se ausentar do sítio. Pede que seu cunhado a acompanhe e que o sobrinho tome conta do lugar. Jacobina estava prestes a experimentar momentos que marcariam sua alma por um bom tempo. O certo é que ficou sozinho na casa com os poucos escravos que lá viviam. Eles o paparicaram de forma incomum, “um concerto de louvores e profecias” (p.29) e *O Senhor Alferes* nem desconfiava que planejassem uma fuga, o que aconteceu na mesma noite, deixando-o completamente sozinho. Todavia, não sentiu medo.

(...) era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela (...); finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro (...). Mas a manhã passou sem vestígio dele; e à tarde comecei a sentir uma sensação como de pessoa que tivesse perdido a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. (...) Minha solidão tomou proporções enormes. (p.30)

A partir deste ponto, a narrativa se desenvolve como que em uma ilha de silêncio, em que os dias transcorrem devagar e em que os golpes da pêndula do relógio parecem “um diálogo do abismo, um cochicho do nada” (p.30). Não havia ninguém que pudesse reconhecer Jacobina como Alferes e isso lhe feria a alma

interior. Sem a alma exterior – os olhos dos demais -, que lhe animava, lhe dava a vida, a personagem sente-se como “um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico” (p.30). Entretanto, sentia algum alívio durante o sono:

(...) o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam de alferes; vinha-me um amigo de nossa casa e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. (p.30)

Por outro lado, quando acordava era o vazio, o silêncio. “A alma perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar” (p.30). A *situação moral* em que se achava naquele sítio solitário, a de não se sentir no mundo, de não se sentir vivo, como se tivesse perdido toda a *ação nervosa*, somente reitera a necessidade do olhar dos outros, o primeiro espelho, segundo Bosi (1982), do convívio com o outro para se sentir pessoa.

Convêm dizer que, desde que ficara sozinho, o Alferes não se olhara uma única vez no espelho. Era um *impulso inconsciente* receoso de achar-se “um e dois” (p.31). Porém, ao cabo de oito dias, tal a contradição humana, deu-lhe “na veneta” de olhar-se no espelho com o objetivo de justamente encontrar-se dois:

(...) Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a mesma sensação. Então tive medo. (p.31)

O Alferes atribuiu esse fenômeno à “excitação nervosa” em que andava e receou ficar mais algum tempo naquele lugar e enlouquecer. Decide-se ir embora e, enquanto se veste, de quando em quando, olha para a figura especular, que continuava “a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos...”

(p.31). Por uma “inspiração inexplicável”, no entanto, lembrou-se de vestir a farda de alferes:

(...) o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. (p.32)

O encontro da alma exterior na farda de alferes nos mostra, enfim, que realmente “o alferes eliminou o homem”, uma alegoria ao fascínio que o *status* social impõe. O pessimismo machadiano apresenta possíveis valores – a ascensão social – não como um reconhecimento que insere o indivíduo na sociedade, mas como um “(...) rito de passagem... para a vacuidade” (ROSENFELD, 2006, p.127). Alfredo Bosi, acerca deste assunto, salienta que:

A consciência de cada homem vem de fora, mas este “fora” é descontínuo e oscilante, porque descontínua e oscilante é a presença física dos outros e descontínuo e oscilante o seu apoio. Jacobina só conquistará a sua alma, ou seja, a autoimagem perdida, quando fizer um só com a farda de alferes que o constitui como tipo. A farda é símbolo e é matéria do *status*. O eu, investido do papel, pode sobreviver; despojado, perde o pé, dispersa-se, esgarça-se, esfuma-se. Não tem forma, logo não tem unidade. Ter *status* é existir no mundo em estado sólido. (BOSI, 1982, 446)

Quando o Alferes toma consciência de que sua imagem especular está relacionada à sua farda, ao seu *status*, ao papel que ele desempenha na vida em sociedade, sua atitude é de conformidade. Essa experiência não gera reflexão de que ele é dependente exclusivamente da *alma exterior*, não havendo, portanto, a busca pela *alma interior* e o equilíbrio entre as duas, mas sim uma atitude de submissão e aceitação às normas da aparência social, como podemos perceber nas linhas finais do conto:

Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir... (p.32)

E se, daquele momento em diante foi outro, submisso às aparências, Jacobina, no momento em que está narrando sua história, ainda é esse outro, explicação possível para tentarmos compreender a última frase do conto: “Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas” (p.31). Ele não espera que seus interlocutores o questionem, ele simplesmente os deixa, na penumbra da sala, pois “não admite réplica”:

A farda, alma exterior, tomou conta do espírito. O homem se fez de manequim agalado e faceiro, sombra de si mesmo, paródia da verdadeira alma. Esta, coitada, está lá dentro, encolhida, abafada pela farda, sem voz ativa – porém subsiste como a própria essência da vida que não se vê com os olhos da carne. (MEYER, 1986, p.210)

A nova teoria apresentada em “O Espelho” é uma distorção da teoria cristã. O que Jacobina, no presente da narrativa, demonstra é que, no mundo, no qual o *corpo* está inserido, o que mais importa é a alma exterior e não a interior. Na atmosfera do conto, não há esperança de uma busca pela essência de cada indivíduo, mas a dura realidade de que a aparência se sobrepôs à essência, irreversivelmente. Não admitir réplica evidencia a acomodação frente a essa realidade.

Por fim, se, por um lado, os “*espelhos*” de Guimarães Rosa e Machado de Assis se assemelham num primeiro momento, por outro lado, sabemos que Rosa não é tão direto e irônico como Machado. É, pois, curioso e um tanto instigante que o primeiro, leitor do segundo, tenha escolhido essa mesma temática. Resta-nos, portanto, ver de que maneira a lógica narrativa machadiana é transformada no conto rosiano.

3 O ENCONTRO DA ALMA INTERIOR NOS REFLEXOS DO ESPELHO DE GUIMARÃES ROSA

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Igualmente complexa é a tarefa de compilar e definir a obra rosiana. Autor de um dos maiores romances brasileiros, *Grande sertão: veredas* (1956), Guimarães Rosa possui uma vasta prosa, tais como *Sagarana* (1946), *Corpo de Baile* (1956), *Primeiras Estórias* (1962), entre outras. Diplomata, escritor, poliglota, neologista, Rosa se apropriou da linguagem, recriou-a, para transmitir sua mensagem, para deixar conhecer seu norte inspirador, como podemos ver no trecho de uma das correspondências de Rosa com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: “A língua, para mim, é instrumento: fino, hábil, agudo, abarcável, penetrável, sempre perfectível, etc. Mas sempre a serviço do homem e de Deus, do homem de Deus, da Transcendência” (ROSA, 2003, p.412). Com essas palavras, adentramos no universo rosiano: do transcendente, do mistério, a serviço do divino e do humano. Tal a sua universalidade, que as suas obras acabaram por ultrapassar as fronteiras brasileiras, sendo traduzidas para o espanhol, o inglês, o italiano, o alemão, etc. A travessia do *Grande sertão* tornou-se travessia universal, do homem.

Ao longo dos anos, inúmeros críticos e estudiosos se debruçaram sobre a obra rosiana no que confere aos seus aspectos linguísticos. No entanto, Rosa “não procura a realidade na própria linguagem, ele procura com ela perscrutar através da linguagem a realidade humana”⁴ (ROSA, 2003, p.440). Falta, portanto, descobrir e revelar a existência “de uma visão de mundo, de uma concepção de homem, de uma epistemologia e de uma ética rosianas” (ANDRADE, 1972, p.262), temática que tentar-se-á elucidar nas linhas subsequentes, a começar com as palavras do próprio Guimarães Rosa acerca dos seus livros:

⁴Quando Meyer-Clason fala a respeito da elaboração do Posfácio de *Primeiras Estórias* da edição alemã.

Todos os meus livros são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é chamada “realidade”, que é a gente mesmo, o mundo, a vida. Antes o obscuro, que o óbvio, o frouxo. Toda lógica contém inevitável dose de mistificação. Toda mistificação contém boa dose de inevitável verdade. Precisamos também do obscuro. (ROSA, 2003, p.238) – (Grifo meu).

Com tais palavras, Rosa nos permite perceber que sua visão de mundo vai além do visível e do lógico. Sua obra está repleta de misticismo, de crenças, de convicções. “Tudo, aliás, é a ponta de um mistério” (ROSA, 2005, p.113). Não há nada em Rosa que não precisemos redobrar a atenção para depreendermos significados.

Em geral, quase toda a frase minha tem de ser meditada. Quase todas, mesmo as aparentemente curtas, simplórias, comezinhas, trazem em si algo de *meditação* ou de *aventura*. Às vezes, juntas, as duas coisas *aventura* e *meditação*. Uma pequena dialética religiosa, uma utilização, às vezes, do paradoxo; *mas sempre na mesma linha constante*, que, felizmente, o Amigo⁵ já conhece, pois; mais felizmente ainda, somos um pouco parentes, *nos planos, que sempre se interseccionam, da poesia e da metafísica*. (ROSA, 2003, p. 239) - (Grifo meu).

Guimarães Rosa mantém sempre uma linha constante nos planos da poesia e da metafísica, que sempre acabam por se interseccionarem. Não há como separar de seus escritos essa constante e é a partir desse ponto que analisaremos o conto “O espelho”, publicado em *Primeiras Estórias* (1962). De igual forma, as palavras *meditação* e *aventura* nos fazem refletir e antever que em Rosa há um trabalho com “naturezas” incompatíveis, mas que, no universo rosiano, se completam paradoxalmente, pois, como veremos, no conto de Guimarães Rosa há uma aventura que gera uma reflexão, um meditar sobre a vida e as ações realizadas.

No entanto, antes de partirmos para a análise do conto, fazem-se necessárias algumas observações acerca da obra que o abarca. A julgar pelo título, poderíamos dizer, caso se tratasse de leitores desavisados, que *Primeiras* estaria no

⁵ Curt Meyer-Clason, tradutor alemão da obra rosiana.

título por se tratar dos primeiros escritos de Rosa. No entanto, sabe-se que não é essa a realidade. Este livro foi composto e publicado depois de sua epopeia dos sertões, *Grande Sertão: veredas* (1956) e não foi a sua obra *chave de ouro*. Talvez seja por isso que o uso de tal vocábulo seja objeto de *meditação*. E, como já salientado, quase todas as palavras em Guimarães Rosa são dignas de serem analisadas, meditadas. Por essa razão, não são poucos os estudiosos (ANDRADE, 1972) de sua obra que veem neste livro de contos a base de todo o pensamento rosiano. Podemos pensar ainda em *Primeira* como início, uma primeira experiência que leva à transformação. A isso relacionamos a figura emblemática da *criança* presente na abertura (“As margens da alegria”) e no fechamento (“Os cimos”) do livro e na revelação no reflexo do *espelho* rosiano.

Mas, ainda podemos nos indagar a respeito do uso do vocábulo *Estórias*, neologismo inexistente no minidicionário Houaiss (HOUAISS, 2008), mas usualmente conhecido para designar uma história sem veracidade histórica, portanto, fictícia. Contudo, ainda que sejam contos fictícios, todos, de uma forma ou de outra, estão reunidos por um fim e a eleição de tal nome não foi por mero acaso ou por falta de outro melhor. Já sabemos que nenhuma palavra rosiana foi escrita sem algum objetivo e as vinte e uma estórias desta obra nos fazem refletir, meditar sobre a vida, o homem, o que transcende, o Transcendente, o divino.

Tais elucubrações nos remetem às parábolas bíblicas, entendendo *parábola* como “criação literária em forma narrativa, é uma “estória” que, ao dizer a verdade, esconde-a ao mesmo tempo” (ARAUJO, 1998, p.252). Segundo Heloísa Vilhena de Araújo, estudiosa da obra rosiana sob o viés cristão, afirma que:

Primeiras estórias são, elas próprias, quanto à forma, parábolas que encerram um sentido oculto. Trazem-no à presença sob *máscara*, sob *imagem refletida*. Pedem, assim, leitores que escutem e ouçam. Procuram corações que entendam e que recebam a sua revelação – que recebam a Verdade. Procuram intérpretes inspirados pelo espírito. (ARAUJO, 1998, p.254)

Portanto, partindo do pressuposto que esta obra carrega em sua totalidade um ensinamento profundo sobre o *homem humano* e sobre o encontro com a Verdade, o que se dirá de sua décima primeira estória, posta propositalmente no centro do livro, um número espelhado para numerar “O espelho”, um conto instigante, profundo e que exige que se medite palavra por palavra. Outrossim, a escolha do autor de colocar este conto no centro de suas *Primeiras Estórias* nos dá indícios para a possibilidade de nele estar contido “a síntese didática do pensamento rosiano” (ANDRADE, 1972, p.49), pois, “quando se trata de coletânea de contos, o escritor costuma colocar no centro o texto que define a perspectiva de onde olhar a obra” (ARAUJO, 1988, p.19), restando, a partir de então, a quem quiser se *aventurar, a meditação* dos reflexos de Rosa no seu *espelho*.

3.2 ANÁLISE DA OBRA

João Guimarães Rosa encerra seu livro *Grande sertão: veredas* com a seguinte frase: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2001, p.624). Ficando, então, a deriva, desacompanhada de qualquer explicação, esta afirmação de Riobaldo sobre o verdadeiramente existente: “Existe o homem humano”. No entanto, quem seria este ser que o autor chama de homem humano?

Uma definição possível foi analisada segundo Vilhena de Araújo e, através de sua análise, poderíamos dizer que Guimarães Rosa referia-se à definição das ações verdadeiramente humanas:

Aquelas que o homem não compartilha com os animais – compartilha, por exemplo, comer, reproduzir-se, dormir – e que decorrem da *vontade*, isto é, do desejo regido pelo conhecimento de seu fim, orientado pela *inteligência*. O homem humano seria, neste caso, o detentor do livre-arbítrio: o ente que conhece os contrários, as diversas alternativas de ação e que pode escolher entre elas; que lembra suas ações passadas e seus resultados e que conhece, que antecipa, os resultados possíveis de suas ações presentes e futuras. É aquele que tem consciência do *tempo*: aquele que, na sua

liberdade de escolha, introduzida pela razão, tem a capacidade de observar o curso dos acontecimentos e de mudá-los, para bem ou para mal, transformando o tempo e a história. (ARAUJO, 1998, p.12)

O *homem humano*, ponto final de *Grande sertão: veredas* é, pois, o ponto de partida de *Primeiras estórias*, publicada no mesmo ano, e ponto chave para a análise de *O espelho*.

Nas linhas iniciais do conto, o leitor recebe um convite do narrador em primeira pessoa: “se quer seguir-me, narro-lhe, não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, série de raciocínios e intuições” (ROSA, 2005, p. 113) ⁶. Colocando, já de início, o seu distanciamento do que é imprevisível – a aventura – e sua aproximação com o “urgir científico” (p.116) – a experiência. No entanto, paradoxalmente, como veremos no desenrolar da narrativa, sua experiência o levará a algo não previsível, a algo inesperado, que transcende seu objeto e seus métodos de análise. Na sequência, o narrador continua a indagar e a instigar o leitor, apresentando seu objeto de análise:

O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha ideia do que seja na verdade – um espelho? Demais, decerto, das noções, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo. (p.113)

Tudo é mistério. E nosso herói⁷ rosiano quer que adentremos nele, pois nem todo o entendimento do mundo, do homem, da vida, de Deus, está ao alcance de nossos olhos. Mas, no segundo parágrafo, o nosso narrador, como que lutando para que impere a razão, solicita que “fixemo-nos no concreto. O espelho, são muitos,

⁶ Cabe salientar que, a partir de então, será apenas referida a página, tendo em vista que todas as citações do conto foram retiradas da mesma edição.

⁷ Uso do termo *herói* para denominar o narrador-personagem se dá tendo em vista que o conto narra uma *aventura* e, como se sabe, em toda aventura há um herói, assim como a experiência *aventuresca* vivida por ele serviria, de certa forma, como modelo a ser seguido, pois *nossos heróis* nos apresentam características que gostaríamos de ter, imitar, viver, e são criaturas nas quais confiamos e seguiríamos seus exemplos.

captando-lhe as feições”. (p.113). Explica que há os espelhos “bons” e os “maus”, os que favorecem e os que detraem (não valorizam) a imagem especular, indagando “como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível?” (p.113). Questionamento esse que põe em *cheque* a fidedignidade da imagem refletida, captada pelas superfícies espelhadas.

O senhor dirá: as fotografias o comprovam. Respondo: que, além de prevalecerem para as lentes das máquinas objeções análogas, seus resultados apoiam antes que desmentem a minha tese, tanto revelam superporem-se aos dados iconográficos os índices do misterioso. Ainda que tirados de imediato um após outro, os retratos sempre serão entre si *muito* diferentes. (p.113)

Se não fossem, pois, pelos espelhos, as fotografias, ou qualquer outro mecanismo que grave nossa imagem, não saberíamos como somos *no visível*, não saberíamos como são nossos olhos, nosso rosto. A dúvida que fica, então, é até que ponto esses *espelhos* são fieis e a que são fieis. Poder-se-ia, ainda, pedir para que uma pessoa descrevesse fisicamente a outra, mas como saber que a *imagem* descrita se trataria do real? Com tanto mistério envolvido, mas muitas vezes, despercebido dos olhares distraídos, nosso herói assevera: “se nunca atentou nisso, é porque vivemos de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes”. (p.113-114).

Mas que coisas importantes são essas? O que é preciso ser visto que ainda não foi? “Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando”. (p.114). O que é invisível aos olhos? Sant-Exupéry, em sua obra mundialmente conhecida, *O pequeno príncipe*, nos dá uma resposta plausível, digna de ser considerada e meditada: que o *essencial* é invisível aos olhos. E, como o próprio narrador adverte:

Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim. Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente. (p.114)

Diante desse impasse, nosso herói somente pede para não duvidar de suas palavras. Com confiança, o leitor segue e, no parágrafo quarto, se ressaltava que todo esse dilema é em relação aos espelhos planos, pois se se tratasse dos demais – côncavos, convexos, parabólicos - o assunto seria mais complexo. E, mais adiante, o narrador avisa: “sim, são para se ter medo, os espelhos”. (p.115).

Temi-os, desde menino, por instintiva suspeita. Também os animais negam-se a encará-los (...), diz-se que nunca se deve olhar em espelho às horas mortas da noite, estando-se sozinho. Porque, neles, às vezes, em lugar de nossa imagem, assombra-nos alguma outra e medonha visão. (p.115)

No entanto, como bom “positivista” que é, um “racional”, ele não se convence com nenhuma dessas crendices populares. Contudo, neste ponto, o narrador se questiona acerca de um monstro, “que amedrontadora visão seria então aquela? Quem o Monstro?” (p.115), antecipando um resquício da história que será contada nas linhas subsequentes. Porém, antes de narrar sua experiência, ele ainda divaga:

O espelho inspirava receio supersticioso aos primitivos, aqueles povos com a ideia de que o reflexo de uma pessoa fosse a alma (...). Não se costumava tapar os espelhos, ou voltá-los para a parede, quando morria alguém da casa? Se, além de os utilizarem nos manejos da magia, imitativa ou simpática, videntes serviam-se deles, como da bola de cristal, vislumbrando em seu campo esboços de futuros fatos, não será porque, através dos espelhos, parece que o tempo muda de direção e de velocidade? (p.115)

Depois desses longos e densos sete parágrafos, os quais servem como introdução teórica ao fato que será contado a seguir, o herói rosiano prepara seu leitor/ouvinte, como um semeador prepara a terra em que plantará uma semente. Entende-se, a partir de então, que sua experiência gerou uma reflexão acerca do *existir no mundo* e precisa ser partilhada. Não nos revelando, todavia, as respostas para seus questionamentos, nosso ilustre e misterioso narrador parte de imediato para a narrativa de sua experiência.

Conta-nos que, quando moço, num lavatório de um edifício público, avistou dois espelhos – um de parede, o outro de porta lateral – que faziam jogo entre si:

E o que enxerguei por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo, senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era – logo descobri... era eu, mesmo! (p.115)

A partir daqui, o objeto de estudo científico do narrador passou a ser ele mesmo: “Desde aí, comecei a procurar-me - ao eu por detrás de mim – à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio”. (p.116). Ele faz essa busca das mais diversas maneiras: tenta “os olhares de esquelha”, “a tocaia com a luz de repente acesa” e “os ângulos variados incessantemente”. Mirava-se também em marcados momentos “de ira”, “medo”, “orgulho abatido”, “extrema alegria” ou “tristeza” (p.116).

Esse processo necessitou também de *paciência* e durou meses. O rosto se transformava continuamente, mas os *olhos* permaneciam os mesmos, imutáveis, “no centro do segredo” (p.116). Neste interim, nosso narrador fala diretamente ao seu interlocutor dizendo que o rosto está sempre em constante transformação, e não é percebido pelos olhos humanos, da mesma forma que não se percebem os movimentos translativo e rotatório da Terra, mas não se pode negar que acontecem. Sendo assim, nosso narrador conclui suas conjecturas, revelando seu objetivo de análise a partir de então: “necessitava eu transverberar o embuço, a travisagem daquela máscara, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa – a minha vera forma”. (p.117).

Sua meta, nesta altura da narrativa, é descobrir *sua vera forma*, o seu “eu por detrás” de si, a sua essência. Chegamos ao ponto central do conto, o qual nos levará ao seu clímax mais adiante, nos revelando sua “verdadeira forma”, sua “verdadeira face”. Vejamos, no entanto, o processo de desvendamento dessa “máscara nebulosa”. Era preciso interpenetrar no disfarce do “rosto externo” (p.117).

Não lhe oculto haver recorrido a meios um tanto empíricos: gradações de luzes, lâmpadas coloridas, pomadas fosforescentes na obscuridade. Só a uma experiência me recusei, por medíocre, senão falseadora, a de empregar outras substâncias no aço e estanhagem dos espelhos. (...) Saiba que eu perseguia uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária. (p.117)

Negava-se a macular a lâmina. Sabia que a experiência teria que ser pessoal e as mutações deveriam ocorrer somente nele. O que ele buscava era algo real, não ilusório. Tentou de inúmeras maneiras a aprender a *não ver* no espelho traços que o lembravam de seus antepassados, suas parecenças genéticas e hereditárias com seus pais e avós, assim como abstrair a influência dos sentimentos que se refletiam em seu rosto:

O que se deveria ao contágio das paixões, manifestadas ou latentes, o que ressaltava das desordenadas pressões psicológicas transitórias. E, ainda, o que, em nossas caras, materializa ideias e sugestões de outrem; e os efêmeros interesses, sem sequência, sem conexões nem fundura. (p.118)

No entanto, explicar toda a complexidade de tais tentativas levaria dias. E, depois de muito esforço empregado nessa busca pela “vera forma”, “não obstante os cuidados com a saúde, nosso narrador começou a sofrer dores de cabeça” (p.118). Lembrou-se, então, de que a *prudência* era representada por um espelho rodeado de uma serpente e, *de golpe*, crendo prudente tal atitude, abandonou a investigação: “Deixei, mesmo, por meses, de me olhar em qualquer espelho”. (p.118).

Contudo, passado um tempo, nosso experienciador olha-se num espelho e não se vê:

Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto, o ficto. O sem evidência física. Eu era o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona. (p.116)

Com efeito, não conseguia ver nem seus olhos. Os olhos do corpo perderam a vista e desapareceram, eles, *a porta do engano* (p.114). Dá-se conta que partiu de uma figura a uma total desfigura e concluiu, estarecido: “Não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado? (...) E, seria assim, com todos?” (p.119). Sendo assim, ao procurar o seu *eu* por detrás de sua imagem, o narrador quer ver sua *alma*, “o despropósito de pretender que psiquismo ou alma se retratassem em espelho...” (p.119). O essencial no espelho rosiano é a alma.

Por fim, nos revela que, anos mais tarde, *ao fim de uma ocasião de grandes sofrimentos*, de novo se defronta com uma imagem refletida no espelho:

Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? (p.120)

Sua *vera forma* se revela em uma luz. Comovia-o essa descoberta. Mas, que luz é essa, indaga o narrador, sem nos dar respostas. Contudo, tendo em vista, que Guimarães Rosa se utiliza de suas palavras *a serviço do homem e de Deus* e que nada está escrito por acaso, como já analisado anteriormente, não podemos deixar de elucidar que o uso de *luz* nos remete ao cristianismo, ao *Transcendente*.

No Concílio de Niceia, no ano 325 D.C, houve a compilação do credo católico para tratar da controvérsia trinitária provocada pela heresia ariana⁸. O Símbolo niceno-constantinopolitano (CIC, 2000, p.58, parágrafo 184) definiu a doutrina da Igreja no que se refere à natureza divina, fornecendo os limites dentro dos quais o pensamento cristão se nortearia. Temos, assim, os símbolos da Igreja Católica e

⁸ A Religião Ariana não acreditava na Santíssima Trindade, que Deus era, ao mesmo tempo, Pai, Filho e Espírito Santo.

Apostólica Romana para exprimir a natureza divina: “a luz e seu filho, engendrado desta luz. E o Espírito Santo” (ARAUJO, 1998, p.27).

Na sequência do conto, a luz se transforma, se metamorfoseia:

(...) Por aí, (...) eu já amava – já aprendendo a conformidade e a alegria. E... sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda nem rosto (...) rostinho de menino, de menos que menino, só. (p.119-120)

A alma de nosso herói, segundo Vilhena de Araújo, parece, portanto, a uma primeira aproximação, conter a Trindade: “a luz, o menino e a experiência de vida – sopro de vida (Espírito Santo). O ‘eu’ por detrás de mim parece ser Deus, a Trindade” (ARAUJO, 1998, p.28).

Ainda sobre a imagem simbólica de Deus, São João inicia seu Evangelho com a imagem de Deus como luz (São João I, 1-9) e o próprio Jesus diz: “Eu sou a luz do mundo” (São João, VIII, 12). São Paulo, por sua vez, também menciona a luz na sua carta aos Efésios, convocando os homens ao renascimento para uma nova vida em Cristo, à ressurreição:

Antes vós éreis trevas, mas agora sois luz no senhor; comportai-vos como filhos da luz; pois o fruto da luz consiste em toda bondade, justiça e verdade. (...) tudo o que aparece, em efeito, é luz. É por isso que dizemos: Acorda, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e sobre ti brilhará Cristo. (Efésios, V, 8-14)

São Paulo também menciona o espelho em sua Primeira Carta ao povo de Corinto, ao falar da visão que os homens têm de Deus nesta vida, à espera de uma visão, face a face, que ocorrerá depois da morte:

Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei adulto, deixei o que era

próprio de criança. Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido. (São Paulo. I Coríntios, XII, 11-12)

Portanto, para o herói rosiano, a sua *vera face* está em conformidade com a de Cristo. Ao buscar a sua alma, encontrou Deus. Tais instâncias, nos rementem, ainda, ao contexto da criação, segundo o Livro do Gênesis, em que Deus cria o homem conforme a sua imagem. “Conhecer-se como imagem de Deus é conhecer Deus” (ARAUJO, 1998, p.29).

Não podemos, por fim, deixar despercebido, antes de analisarmos o desfecho do conto, que esse *conhecer-se a si mesmo* ocorreu depois de *ocasiões de sofrimento* e depois que *já se estava amando*. Sofrimento e Amor andam juntos na vida cristã. A própria Paixão de Cristo nos revela isso, por tanto amar a humanidade, suportou a dor e o sofrimento, que o levaram à morte numa cruz. Muitos são os relatos dos que dizem experimentar o amor de Deus em momentos de sofrimento, possivelmente porque a alma está mais sensível à percepção do transcendente.

Em seguida, o narrador se questiona, apresentando-nos uma revelação rosiana: “Será este nosso desengonço e mundo o plano – intersecção de planos – onde se completam de fazer as almas?” (p.120).

Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica – ou pelo menos parte – exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que atulha e soterra? (...) E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: - “*Você chegou a existir?*” (p.120).

A essência do ser humano está incompleta. A alma cresce, amadurece, se torna adulta, se completa no desengonçado mundo em que habitamos. A visão de Deus para os homens, por sua vez, enquanto estão no plano terreno, só é possível obliquamente, como num espelho. Nosso herói, a partir dessa revelação, termina de contar a sua história com muitos questionamentos, sem nos dar alguma resposta.

Pelo contrário, ele solicita que o próprio leitor responda para si. Todavia, não podemos esquecer que os grandes pensadores são os que questionam e, a partir disso, instigam a reflexão.

Sim? Mas, então, está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens? Disse. Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. Sim? (p.120)

Com essas palavras, “O espelho” de Guimarães Rosa se desvela. O reflexo de seu pensamento, de sua visão de mundo, está presente neste conto. Como em uma parábola, ao questionar, o herói rosiano responde a todas as perguntas. A *travessia do homem humano*, a vida, é uma experiência extrema e séria e está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso. Para existir há que se conformar a própria vida com a de Cristo, não se esquecendo de que se está no mundo de passagem, mas, então, se verá *face a face* o que acabamos de analisar, obliquamente, neste *espelho*.

4 (RE)CONHECER-SE A SI MESMO

Até aqui, tentou-se fazer uma análise pormenorizada dos contos homônimos de Machado de Assis e Guimarães Rosa para elucidar o conteúdo de cada um e analisar como ambos trabalham em torno de uma mesma temática – a alma humana.

Vimos, pois, que Machado, ao escrever seu *esboço de uma nova teoria da alma humana*, na realidade, não escreveu uma teoria da *alma*, mas uma teoria do abafamento da vida interior, nas grandes metrópoles, com o advento da modernidade. No contexto da era moderna, no século XIX, existe uma primazia do pragmatismo, dos valores de quantidade, da medição do tempo mecânico, de tal modo que a vida interior fica em descompasso com a realidade. Machado traz o tema para o chão brasileiro, mostra como a farda de Alferes concentra sua existência, tanto que, ao tirá-la, sente-se como autômato.

Percebemos, ainda, que *Jacobina* personifica um problema da condição humana, quando esta não está ciente que possui uma *alma*, uma subjetividade, uma interioridade, uma personalidade, escondida no recôndito da *pessoa humana*. Sobre tais elucidações, Augusto Meyer afirma:

Ora, Jacobina somos nós. Botamos a farda e representamos uma paródia de nosso eu autêntico – não na vida social apenas, na vida profunda do espírito, que anda quase sempre fardado. O imperativo do instinto vital se encarrega de fardar o espírito para que ele não se veja no espelho tal qual como é na verdade. (MEYER, 2005, p.106)

Antônio Marcos Sanseverino, em seu artigo “*O espelho*”: *metafísica da escravidão moderna*, ressalta que, na vida em sociedade, para que o indivíduo possa existir, a farda, a máscara, é necessária, como é possível ver nas linhas que seguem:

O problema moderno da desagregação de valores reaparece nos contos machadianos. Do lado do indivíduo, temos a afirmação de uma subjetividade residual, de uma interioridade, que, posto verdadeira, não consegue expressão social. Do lado das relações sociais, o indivíduo apenas existe quando ocupa um lugar na sociedade, quando exerce um papel, quando veste uma farda. (SANSEVERINO, 1996, p.127)

Compreendendo esta realidade, portanto, de que para existir no mundo é preciso exercer um papel no mundo, percebe-se que o *eu*, o indivíduo, a *alma interior* de cada ser humano tende a se anular ou a entrar em contradição com sua materialização. No entanto, ela ainda está dentro de cada homem e mulher, pois a natureza humana é matéria (corpo) e espírito (alma), formando o todo da laranja, simbologia utilizada por Jacobina para explicar a natureza da alma, como já analisado na seção um do presente trabalho. Vale ressaltar que, em Machado, a *farda* (enquanto papel social) não é a realização de uma vontade interior, de um projeto, que busca existência na materialização. A farda e a vida interior coexistem como realidades distintas e, de certo modo, estanques. O aprendizado da juventude parece ser usado pelo narrador de forma pragmática, como se pode perceber na relação com seus interlocutores.

Analisamos, por fim, que Guimarães Rosa, por sua vez, aproveitou-se e apropriou-se da teoria machadiana e reformulou-a segundo sua perspectiva de vida, de mundo, do homem, de Deus. No espelho rosiano, há, pois, uma busca pela *alma interior*, perdida no conto machadiano, uma busca por conhecer-se a si mesmo, conhecer o *homem humano*, o que o torna humano.

Assim sendo, como já analisado na seção anterior, o narrador-personagem rosiano passou por uma experiência que o fez meditar sobre a vida e que o fez buscar incessantemente ao seu *eu* por detrás de si, por detrás de sua *alma exterior*, sua aparência, seu papel social. Além disso, diferentemente de Jacobina, o herói rosiano, quando não se reconhece na sua autoimagem, busca saber e ver qual a sua *vera forma*, sua verdadeira face. Questiona-se se não seria ele um *des-almado* e leva meses nessa jornada. Jacobina, no entanto, não buscou saber o porquê do descontorno de seus traços no seu reflexo, após ficar totalmente sozinho, sem sua alma exterior, que lhe animava e o fazia viver. De igual forma, quando se reconhece

na sua autoimagem, após vestir a farda de Alferes, tal experiência não gera reflexão, mas, ao contrário, conformidade e aceitação.

Todavia, o narrador rosiano, após perder sua autoimagem e, em seguida, se (re) conhecer como reflexo de uma luz, de um sopro de vida e, por fim, de uma criança, imagens que nos remetem às imagens representativas de Deus, da Santíssima Trindade (Pai – Luz, sopro de vida – Espírito Santo, Filho – criança), permite depreendermos que o reconhecimento de si se dá quando o homem se reconhece como imagem e semelhança de Deus. Por sua vez, “conhecer-se como imagem de Deus é conhecer Deus” (ARAUJO, 1998, p.29).

Com tal revelação, o conto de Rosa serve como resposta a uma pergunta não feita pelo conto de Machado, mas que ficou subentendida entre suas linhas: como se resgata a *alma interior* perdida? O *espelho* rosiano mostra a possibilidade de se aventurar nessa busca pela interioridade, pela subjetividade, pelo verdadeiro *eu*, e revela que esta busca levará cada pessoa a Deus, inevitavelmente.

Desde há séculos o imperativo “conhece-te a ti mesmo” vem impulsionando o homem a descobrir-se, aceitar-se, afirmar-se. Guimarães Rosa transformou a máxima da filosofia socrática em um conto moderno, inteligente e profundo. Valeu-se de seu conhecimento e de suas convicções para possibilitar ao seu leitor meditar sobre a aventura de se viver em um mundo que, cada vez com mais intensidade, busca subjugar a subjetividade e as particularidades de cada *pessoa humana*. Não é necessário um conhecimento extraordinário do mundo e dos homens para ver que os tempos atuais, com todo o seu progresso e suas múltiplas descobertas, não consegue livrar o homem do vazio interior. O vazio refletido no espelho do herói rosiano em um determinado momento e preenchido, depois, pela Luz, pelo sopro de vida, pela criança, por Deus, pelo Transcendente.

A alma é a imagem de Deus, pois é uma dimensão espiritual que entende Deus. Porque assim como o espelho é a imagem do corpo, pois toma a semelhança daquele em si mesmo, a alma é a imagem de Deus, pois atinge Deus, lembrando-O, entendendo-O, amando-O em si mesma. (BONFANTE e MAINARDI, 2010, p.16).

Por fim, cabe recordar que corpo e alma formam uma unidade. Um depende do outro para existir e produzir atos, como, por exemplo, ver e ouvir. Seria impossível produzirem um ato se estiverem separados. O corpo é um instrumento para a alma se expressar e agir. Da união entre alma e corpo se origina um todo: o *homem humano*. Portanto, os contos se completam e o sentido de “completar-se”, creio eu, está na oposição que se estabelece entre os dois contos. Especificamente, um aspecto central do conto machadiano é a relação social que o personagem estabelece com os outros. A farda faz perder algumas amizades e a ganhar outras. Com a Tia Marcolina, a relação é de reverência ao personagem. Na sua juventude, o personagem não percebe que os outros lhe devolvem, narcisicamente, apenas o que lhe agrada. Espertos, os escravos adulam esse alferes esquecido de si e fogem. Jacobina fica com a lição da necessidade de cultivar os dois lados.

Em Rosa, o personagem se encontra consigo mesmo, com sua própria imagem exterior, e se desgosta com o que vê. Vale observar que é o amor (em oposição ao conflito de Jacobina com os escravos) que leva o narrador-personagem a ver sua *vera face*. Na relação com o interlocutor, há dois aspectos importantes: a insistência no engano das imagens exteriores (de valor implicitamente negativo) e no convite para que o interlocutor participe da experiência.

Por isso, Rosa parece buscar uma superação do impasse desenhado por Machado. Num ceticismo desenganado, o espelho machadiano põe os dois lados em convivência necessária, porém, a dimensão social não dá espaço para a expressão autêntica da interioridade. Rosa traduz a luta pela exterioridade que revela, supera a visão enganosa dos sentidos e traz a imagem da luz e da forma pelágica, da criança em formação.

Sendo assim, as experiências de Jacobina e do narrador-personagem rosiano possibilitam ao leitor compreender que, para a pessoa ser completa, precisa de um olhar sobre si mesmo, como vimos nos reflexos de Rosa, assim como do convívio com os demais, pois não sobreviveríamos ilhados, como vimos no *espelho* de Machado, deixando uma valorosa lição à contemporaneidade, necessitada de um pouco de mistério, pois “precisamos também do obscuro” (ROSA, 2003, p.238), do Transcendente, de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Álvaro Martins. “O Espelho” de Guimarães Rosa. In: *Revista de Letras: publicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis* – vol. 14. Assis: FFCL, 1972. (p.49 – 71)
- ARAUJO, Heloisa Vilhena de. O espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1998.
- ASSIS, Machado de. O espelho. In: *Os melhores contos de Machado de Assis / seleção Domício Proença Filho*. – 12ª ed. – São Paulo: Global, 1997. (p. 25-32)
- Bíblia Sagrada: edição pastoral. Tradução, introdução e notas Ivo Storniolo Euclides Martins Balancin. Brasília: Edições Paulinas, 1989.
- BONFANTE, Ir. M. Lúbia; MAINARDI, Ir. M. Raquel. Conhece-te a ti mesmo! / edição revisada e reelaborada. - 3ª edição – Santa Maria: Sociedade Mãe e Rainha, 2010.
- BOSI, Alfredo. A máscara e a fenda. In: BOSI, Alfredo (org.). *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982. (p. 436-457)
- Catecismo da Igreja Católica: edição típica Vaticana - tradução CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Minidicionário Houaiss de língua portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 3.ed.rev. e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- LAGES, Susana Kampff. Diabólicas da dialética: Machado de Assis, precursor de Guimarães Rosa. In: *João Guimarães Rosa e a Saudade*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. (p.151-165)
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. Identidade e Alteridade: O Espelho (Machado de Assis e Guimarães Rosa). In: *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS* – Vol. 8, nº 2 - Porto Alegre: Dezembro de 2002.
- MEYER, Augusto. O Espelho. In: *Textos críticos / Augusto Meyer; seleção e introdução de João Alexandre Barbosa*. São Paulo: Perspectiva; (Brasília): INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986. (p.207-212)
- PLATAO. Fédon. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- ROSA, João Guimarães Rosa. Grande sertão: veredas. – 19ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. O espelho. In: *Primeiras Estórias*. – 1ª Ed. Especial. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. (p.113-120).

ROSA, João Guimarães (1908-1967). João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967) / edição, organização e notas Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti; tradução Erlon José Paschoal. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte, MG: Ed. Da UFMG, 2003.

ROSENFELD, Kathrin Holtermoyr. Rosa no “espelho” de Machado: os legados alemão, russo e francês na narrativa Rosiana. In: *Desenveredando Rosa: a obra de J.G. Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Top boks Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2006. (p.119-138)

SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. “O espelho”: metafísica da escravidão moderna. In: *Literatura e Sociedade* / Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo. - n.1. (1996) -. São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, 1996. – Revista Semestral. (p. 104-131)